

**TEXTOS DA ANTIGUIDADE<sup>157</sup>  
QUE APONTAM PARA ESTRATÉGIAS RETÓRICAS  
NO USO COMUM DE METÁFORAS  
NAS CARTAS DE SÊNECA A LUCÍLIO  
E DE PAULO AOS CORÍNTIOS**

*Zilda Andrade Lourenço dos Santos (UFES)*  
*zidals@yahoo.com.br*  
*Leni Ribeiro Leite (UFES)*

**RESUMO**

Neste trabalho, o interesse na aproximação de discursos de Sêneca e Paulo se presta a uma tentativa de compreendê-los de acordo com as condições de produção na vigência do primeiro século d. C. Como delimitação para análise se destaca a imagem do atleta e o cuidado do corpo como uma significativa alegoria que fornece diferentes significados metafóricos, tanto na carta 80.3-4 de Sêneca a Lucílio, quanto na carta de Paulo em I Coríntios 9. 24-27. No percurso da pesquisa, a função retórica da metáfora será pontuada como uma força argumentativa nas cartas analisadas. Sobre o valor do uso da metáfora, na carta 59.6, dirigida a Lucílio, Sêneca avalia a importância da metáfora como um recurso da linguagem que favorece uma melhor compreensão de certas ideias expostas em um discurso. Essa defesa de Sêneca está em comum acordo com as instruções de Aristóteles sobre o funcionamento da retórica em relação ao uso da metáfora, orientando que a similaridade pretendida deve ser bem compreendida, e não um enigma a ser decifrado.

**Palavras-chave:** Textos da Antiguidade. Estratégias retóricas. Paulo. Sêneca. Lucílio.

O percurso por textos da antiguidade clássica pretendido nesta pesquisa está direcionado especialmente a dois personagens: Sêneca e Paulo. Estes deixaram suas marcas no contexto da história do império romano no primeiro século d.C., através do registro de parte de seus escritos preservados e disponíveis. Com base nesses textos herdados da antiguidade, vislumbra-se uma possibilidade de se perceber o modo como Sêneca e Paulo se posicionam em seus escritos e o impacto da retórica na manifestação da construção desses discursos.

Neste trabalho há um propósito que se direciona na busca de compreender o uso da metáfora como resultado de estratégias retóricas nas produções de Sêneca e Paulo, através da escrita de suas cartas. Como

---

<sup>157</sup> Uma versão deste trabalho foi apresentada na IX JNLFLP, em novembro de 2014.

delimitação para análise, destaca-se a imagem do atleta como uma significativa alegoria que fornece diferentes significados metafóricos em relação ao preparo físico como cuidado do corpo, tanto na carta 80.3-4 de Sêneca a Lucílio, quanto na primeira carta de Paulo aos Coríntios, no cap. 9 e versos 24-27.

No percurso desta pesquisa, a função retórica da metáfora é pontuada como uma força tanto argumentativa quanto persuasiva nas cartas analisadas. Por um lado, o gênero epistolar, por suas próprias características, favorece a expansão da argumentação pela liberdade de exposição das ideias. Por outro lado, o ato de aconselhar, inerente aos escritores aqui analisados, requer uma habilidade de persuasão que pode ser captada através do discurso.

Young (2005, p. 10) informa que no período de predominância do helenismo o gênero epistolar teve uso frequente na produção literária. Na sua essência, os objetivos eram de aconselhamento, advertência, exortação, sendo as cartas recheadas com temas de relevância nos campos da filosofia doutrinária ou mesmo psicologia, da moral etc.

A retórica romana tomou forma e importância a partir da figura de Cícero, que nesse campo conseguiu criar um link entre gregos e romanos. Na sequência da trajetória histórica dos pensadores romanos, Quintiliano realizou uma retrospectiva, também remontando aos gregos e a Cícero, para definir retórica na perspectiva de uma discussão sobre os significados e efeitos da persuasão no discurso. Assim, na obra *Institutio Oratoria* ele pontua que a reflexão é um aspecto fundamental no campo da retórica, porque se adapta às diferentes circunstâncias (Livro II cap. XIII.2). Nessa perspectiva, Quintiliano (Livro II, cap. XV.3-4) comenta que a definição mais frequente no seu tempo era a de “retórica como o poder de persuadir” e ainda ressalta que para ele a ideia de poder estava diretamente ligada ao sentido do termo grego δύναμις<sup>158</sup> (dinâmica).

Habinek (2005, p. 61) ressalta que no final da obra *Institutio Oratoria*, Quintiliano argumenta que a finalidade da retórica é a formação de um homem que combine a sabedoria do grego com a praticidade do romano. Desse modo, esse contexto histórico do primeiro século d.C. exerceu uma influência fundamental na produção da escrita nas cartas de Sê-

---

<sup>158</sup> No original da obra em latim *Institutio Oratoriae* o termo grego δύναμις é mantido sem tradução e sendo seu uso herdado do pensador grego Sócrates. Para Quintiliano, a palavra dinâmica seria mais bem aplicada do que a palavra poder.

neca e nas de Paulo. Tal fato se torna preponderante para uma análise comparativa entre esses dois autores.

Uma marca que pode ser estabelecida como um lugar comum entre a retórica de Sêneca e Paulo é o uso da metáfora. Em análises de temas comuns a esses dois autores, torna-se relevante observar o uso da metáfora como fonte para estabelecer a argumentação e persuasão na enunciação do gênero epistolar. Sobre o uso da metáfora, assim Sêneca se expressa em uma de suas cartas a Lucílio:

Encontro em ti, contudo, algumas metáforas que, sem serem audaciosas, são de certo modo atrevidas; encontro símiles – mas proibirem-nos o uso destas figuras a pretexto de que só nos poetas elas são legítimas, significa que não se leram os autores antigos, de uma época ainda não deformada pela obsessão da eloquência. Tais autores, embora falando com simplicidade e com a única preocupação de se fazerem entender têm um estilo repleto de comparações, que, aliás, reputo necessárias aos filósofos, não pela mesma razão que aos poetas, mas como meio de superar as limitações da linguagem e de permitir, quer ao orador quer ao auditório, a apreensão da direta da matéria em causa (*Carta 59.6*).

Sobre o valor do uso da metáfora, Sêneca avalia essa importância como um recurso da linguagem que favorece uma melhor compreensão de certas ideias expostas em um discurso. Essa defesa de Sêneca está em comum acordo com as instruções de Aristóteles sobre o funcionamento da retórica em relação ao uso da metáfora, orientando que a similaridade pretendida deve ser bem compreendida e não um enigma a ser decifrado.

Aristóteles, partindo de formulações sobre retórica, faz a seguinte referência à metáfora: “Ademais, com o uso da metáfora dão-se nome às coisas inomináveis. Por conseguinte, não devemos extrai-las das coisas distintas, mas daquelas semelhantes e análogas, tal que a similaridade seja claramente percebida” (*Retórica*, Livro III, cap. 2).

Segundo Ricoeur (2000, p. 19), Aristóteles, em seus tratados, defende que a metáfora pode exercer uma ação retórica ou desempenhar um papel na criação poética. Nessa perspectiva, a poesia e a eloquência “delineiam dois universos diferentes no discurso”, e dessa forma, pode-se identificar duas funções da metáfora no discurso: função retórica e função poética.

Em suas reflexões sobre a metáfora como retórica, Boot (1992, p. 58) observa que “metáforas instrumentos”, se bem sucedidas, revertem-se em resultados às vezes surpreendentes no ato da comunicação entre falantes. Nesse sentido, metáforas intencionais pressupõem um propósito

retórico. Essas colocações de Boot estão em acordo com as considerações aristotélicas que apontam para o valor da metáfora no discurso, contribuindo para o entendimento de abstrações, permitindo ao destinatário perceber as coisas não ditas, mas mostradas pela metáfora. O recurso da metáfora também promove no interlocutor o gosto da surpresa ao receber uma ideia nova construída por intermédio da metáfora (ARISTÓTELES, *Retórica*, Livro III, cap. 11).

Sêneca se distancia daquele formalismo retórico, que se atrelava ao estilo, para usar suas próprias formas de persuasão, entre as demais, o uso de metáforas. Nesse sentido, ele lança mão da retórica da metáfora para dar relevo e amplitude às suas ideias na forma de aconselhar seu amigo Lucílio. Paulo assume atitude semelhante na produção de suas cartas às igrejas as quais ele se dirige.

Veyne observa que a educação romana do primeiro século d.C. deixa refletir uma certa herança dos gregos. O objetivo da educação naquele momento, visando moldar o caráter do cidadão romano, tinha como propósito dar uma formação que permitisse ao indivíduo na fase adulta se esquivar dos vícios causadores da decadência. Um dos princípios básicos da educação se voltava para exercícios de condicionamento físico, independente de uma formação específica voltada para o atletismo. A preocupação do ensino se voltava para o fortalecimento dos músculos do corpo físico e da moralidade do caráter (VEYNE, 2009, p. 27). Em alguns de seus aspectos, esses propósitos educativos da sociedade romana eram compatíveis com certos princípios da filosofia estoica<sup>159</sup>.

Esse modo de pensar sobre o cuidado da formação do cidadão romano, no transcorrer dos séculos I e II d.C., despertou o interesse de Foucault em focalizar sua atenção nesse momento histórico. Em sua tentativa de compreender o comportamento dos estoicos na constituição de suas subjetividades, Foucault encontra no gênero epistolar uma forma explicitada do que poderia se chamar a escrita de si na amplitude da relação alma e corpo, no cotidiano da vida. Em especial, Foucault direciona-se para a escrita das cartas de Sêneca a Lucílio, levantando dados que o auxiliam em sua análise focalizada no comportamento dos estoicos<sup>160</sup> na

---

<sup>159</sup> O novo estoicismo se desenvolveu em Roma sob o império e está ligado a três grandes nomes: Sêneca (0-65 d.C.), Epitecto (50-125 d.C.) e o imperador Marco Aurélio (121-180).

<sup>160</sup> O estoicismo ensina o desenvolvimento do autocontrole e da firmeza como um meio de superar emoções destrutivas. Defende que tornar-se um pensador claro e imparcial permite compreender a

vigência dos séculos I e II d. C. (FOUCAULT, 2004).

Em seu tratado sobre a escrita de si, Foucault faz um levantamento de algumas dimensões que se estabelecem através de efeitos produzidos pelo gênero epistolar. Em primeiro plano, os textos epistolares caracterizam-se por marcas que evidenciam seu direcionamento a determinado destinatário(s). Tomando como base este ponto de partida, o remetente se coloca como primeiro leitor de seu texto, e nestes termos, Foucault comenta que independente do direcionamento do texto epistolar, ele também contribui na formação de si, porque, “ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz” (FOUCAULT, 2004, p. 153). Vale ressaltar que o texto epistolar propicia o exercício de si, pela leitura que o escritor faz de suas próprias palavras. Assim, a carta oferece uma possibilidade de reflexão não somente ao destinatário, mas também ao remetente que se beneficia de um momento de revelar-se a si mesmo, como um decifrar-se por si. Tanto a narrativa de acontecimentos do cotidiano, como também uma reflexão sobre um determinado tema dá certa dimensão da escrita de si através do gênero epistolar. Tal fenômeno proporciona uma oportunidade ao remetente de se presentificar em detrimento da ausência, permitindo que o olhar do outro se lance sobre si mesmo e conseqüentemente sobre quem escreve. O ato de se fazer presente através da carta se dá na forma de exposições pessoais de sentimentos, revelações e reflexões pessoais, na tentativa de se mostrar ao outro, aconselhamento como revelação de seus próprios valores. A carta é uma forma simbólica de encurtar o espaço da separação e a atualização dos relatos dos acontecimentos para vivificá-los na memória, tanto do remetente quanto do destinatário (FOUCAULT, 2004, p. 159).

Por um lado, essas considerações apontadas por Foucault são inerentes às produções das cartas de Sêneca a Lucílio. Por outro lado, é importante destacar que mesmo não havendo referências de Foucault às cartas de Paulo, torna-se viável traçar um paralelo entre a escrita das cartas de Sêneca e de Paulo, submetendo-as a um entendimento dos princípios da escrita de si apontados por Foucault. Vale destacar que não há documentação que comprove a existência de Lucílio como personagem histórico. Fictício ou não, Lucílio, no papel de destinatário das cartas de Sêneca, tem a função de representar os leitores de Sêneca, tanto no contexto

---

razão universal (*logos*). Um aspecto fundamental do estoicismo envolve a melhoria da ética do indivíduo e de seu bem-estar moral.

histórico da época, quanto leitores posteriores. Assim, ideia semelhante pode ser aplicada aos destinatários das cartas de Paulo, pois não se limitam aos participantes das igrejas as quais ele se dirigiu, mas aos leitores em toda sua amplitude e potencialidade.

Neste trabalho, o interesse se volta para uma análise da retórica da metáfora da imagem do atleta, nos pontos 3 e 4 da carta 80 de Sêneca a Lucílio e logo a seguir, pontos da primeira carta de Paulo aos Coríntios no capítulo 9.

Sêneca oferece conselhos a Lucílio, usando a força persuasiva da metáfora como mostra este trecho de sua carta:

E penso sobretudo nisto: se o corpo pode, à força de treino atingir um grau de resistência tal que permite ao atleta suportar a um tempo os murros e pontapés de vários adversários, que o torna apto a aguentar um dia inteiro sob um sol abrasador, numa arena escaldante, todo coberto de sangue – não será mais fácil ainda dar à alma uma tal robustez que a torne capaz de resistir sem ceder aos golpes da fortuna, capaz de erguer-se de novo ainda que derrubada e espezinhada?! De fato, enquanto o corpo, para tornar-se vigoroso depende de muitos fatores materiais, a alma encontra em si mesma tudo quanto necessita para se robustecer, alimentar, exercitar. Os atletas precisam de grande quantidade de comida e bebida, de muitos unguentos, sobretudo de um treino intenso: tu, para atingires a virtude, não precisarás de dispendir um tostão em equipamento! Aquilo que pode fazer de ti um homem de bem está dentro de ti. Para seres um homem de bem só precisas de uma coisa: a vontade (*Carta 80.3.4*).

A partir da metáfora que toma a imagem do atleta como ponto de referência, Sêneca desenvolve sua argumentação a partir do valor que a cultura romana atribuía ao esporte e a competição. A metáfora usada por Sêneca nessa carta a Lucílio faz reviver na memória do leitor a imagem de um atleta bem preparado para uma competição. É interessante a construção de um paralelo entre o corpo do atleta e a alma daquele que se dispõe a adquirir a sabedoria. A cena que enfoca os pontos importantes para o fortalecimento do corpo do atleta é construída vivamente no imaginário do leitor. Surpreendente é notar como a comparação da importância dos exercícios e da alimentação, fundamentais para a aquisição da resistência corporal, resume-se unicamente à vontade como condição da alma para fortalecimento do homem de bem.

Essa metáfora retórica está investida da argumentação porque traz para o leitor a imagem convincente de um atleta, tão valorizada naquele contexto social e cultural. Pode ser persuasiva porque, através do valor da imagem do atleta, conclama-se uma ação semelhante para o homem de bem, com a vantagem de possuir em seu próprio interior a vontade,

que pode resultar na disposição. A persuasão nessa carta de Sêneca se efetua não somente no âmbito da convicção, mas também no da ação.

Foucault menciona que Demetrius<sup>161</sup> lançou mão da imagem do atleta para compará-lo com o sábio, e o próprio Sêneca cita esse fato no livro VII *De beneficiis*. Nessa construção de comparação entre sábio e atleta algumas características são colocadas em destaque. O treinamento do bom atleta deve ser voltado para alguns movimentos elementares como garantia para a condição física. Assim, a formação atlética do sábio, por similaridade, fundamenta-se nas práticas básicas e necessárias para fortalecer o indivíduo em seus enfrentamentos no transcorrer de sua existência. Foucault ressalta que essa é a formação atlética do sábio. Nesses termos, o atleta estoico tem que lutar para enfrentar adversidades nos acontecimentos do mundo que o cerca. (FOUCAULT, 2011, p. 287).

Paulo, em sua primeira carta ao Coríntios, também lança mão da imagem do atleta para aplicar alguns pontos de comparação de seus significados. A cena construída apresenta o atleta numa árdua competição, como mostra a descrição:

Não sabeis que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio? Correi, portanto, de tal maneira a consegui-lo. Os atletas se abstêm de tudo; eles, para ganhar uma coroa perecível; nós, porém, para ganharmos uma coroa imperecível. Quanto a mim, é assim que corro, não ao incerto; é assim que pratico o pugilato<sup>162</sup>, mas não com alguém que fere o ar. Trato duramente o meu corpo e reduzo-o à servidão, a fim de que não aconteça que tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado (I Coríntios 9. 24-27).

Ao analisar e avaliar o cuidado de si no contexto da antiguidade, com um foco orientado para os séculos I e II d. C., Foucault faz alguns comentários que podem ser aplicados aos argumentos que Paulo sugere silenciosamente com a estratégia do uso da metáfora da imagem do atleta. Foucault estabelece a ideia do hábito da concentração a partir da seguinte expressão: “praticar caminhada sem olhar para os lados.” É preciso caminhar olhando em frente, o que significa concentrar-se para não perder o alvo. Para desenvolver essa ideia, Foucault também parte da metáfora criada com a figura do atleta, na preparação para a corrida ou para

---

<sup>161</sup> Demétrio nasceu, provavelmente, no início do século I d.C. Já era conhecido pela sua doutrina e por sua vida cínica nos anos do império de Calígula. Foi contemporâneo de Sêneca que o admirava e citava em suas obras.

<sup>162</sup> Pugilato. Do latim *pugilatu*. Ato de lutar ou bater com os punhos. Disputa a soco ou a murro.

a luta, no treino do gesto pelo qual o arqueiro lançará a flecha em direção ao alvo, assim também como essa metáfora usada na primeira carta de Paulo aos Coríntios. Para Foucault, a aplicação dessa metáfora consiste em “construir o vazio em torno de si, não se deixando levar e nem distrair pelos ruídos, ou pelos que estão em volta” (FOUCAULT, 2011, p. 200). Nessa perspectiva, é fundamental a concentração da atenção na meta que se quer alcançar. Concentração é uma expressão muito significativa no esporte. De certo modo, esta é também uma possibilidade de aplicação da metáfora do atleta que Paulo usa como força persuasiva para convencimento dos pertencentes à igreja de Corinto. Nesse contexto, o alvo a ser alcançado se voltava para o ideal do processo da santificação. O próprio Paulo se inclui como esse atleta que corre e também disputa para atingir a meta, demonstrando que a ação de controle do corpo é princípio básico para enfrentamento da luta.

Para obtenção da vitória na competição é necessário que haja concentração, esforço e espírito de conquista. Nesses termos, a coroa apresenta-se como uma metonímia que se mostra na representação da vitória. Com tal simbolismo, Paulo contrapõe perecível e perene, pois a coroa de louro<sup>163</sup> tem curta durabilidade, enquanto a coroa do reino eterno dura para sempre.

O gênero epistolar, como mostrado neste trabalho, indica que a reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda: ela é a do olhar e do exame. A carta que como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro (FOUCAULT, 2011, p. 156). Desse modo, observa-se que há uma proximidade entre as ideias de Sêneca e Paulo na forma de escolha e uso da metáfora do atleta como estratégia retórica de persuasão. Através da comparação de ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida, o indivíduo se reveste de uma resistência que capacita-o a enfrentar os obstáculos que se deparam em sua corrida, na busca do alcance do alvo proposto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Marcelo Silvano Madeira. São Paulo:

---

<sup>163</sup> Na Grécia antiga, os atletas eram premiados com as coroas de pequenos ramos entrelaçados, que representavam a suprema glória para a alma grega. A coroa de louros, ou láurea, então, passou a simbolizar a vitória, sobretudo nos jogos olímpicos.



Rideel, 2007.

*BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012.

BOOT, Wayne. A metáfora como retórica: o problema da avaliação. Trad.: Morisis Aranha Camargo. In: SACKS, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: Pontes, 1992.

FOUCAULT, Michael. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*, vol. V. Org. e seleção dos textos: Manoel Barros de Mota. Trad.: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. Trad.: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

HABINEK, Thomas. *Ancient rhetoric and oratory*. USA: Blackwell Publishing, 2005.

QUINTILIANO. *Institutio Oratoria*. I and II Books. Translated from Latin by Butler. London: Wiliiam Heinemann LTDA, 1966.

RICOEUR, Paul. *Metáfora viva*. Trad.: Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães São Paulo: Loyola, 2000.

RUDEN, Sarah. *Apóstolo Paulo*. Trad.: Marcelo Musa Cavallari. São Paulo: Benvirá, 2013.

SÊNECA, L. A. *Cartas a Lucílio*. Trad., prefácio e notas: J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

VEYNE, Paul. O império romano. In: \_\_\_\_\_. *História da vida privada*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Schwarcz, 2009.

YOUNG, F; AYRES, L.; LOUTH, (Orgs.). *The Cambridge history of early christian literature*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2008.